

MITO-CIÊNCIA

Claudia Paula Leicand*

Psicanalista,
membro do
Departamento
Formação em
Psicanálise.



A tragédia, como forma de contar um mito, trata da complexidade das emoções humanas no nível do imaginário. A compreensão da psique humana, seus conflitos, dores, angústias, limites, possibilidades, se dá, na leitura da tragédia – e mais ainda na colocação em ato, no palco –, pela via das identificações. Como a tragédia é extremamente abrangente, pode-se lê-la ou assisti-la inúmeras vezes, com intenso impacto emocional, a cada vez estimulando especialmente um ou outro aspecto da mente humana – ou melhor dito, da tragédia humana. O desvelamento do homem na tragédia comove gerações e gerações, ao nível sensorial, privilegiando/atingindo grandes porções do inconsciente. Sob este ponto de vista, a tragédia é a-temporal. Ela propõe uma forma de conhecimento, que se dá a-historicamente, pois seu tempo é o tempo mítico-tempo da criação (segundo o conceito de Mircea Eliade em *O Sagrado e o Profano*)¹.

A tragédia trata de questões fundamentais: da origem, da vida, da morte, da natureza, da cultura, das leis, do destino, da continuidade da espécie enquanto linhagem, da espiritualidade. Conta também as questões cotidianas do homem: invejas, desejos, competição, amores, desamores, fracassos, sonhos e devaneios, arrogâncias, reconhecimentos, etc. etc. Os gregos descreveram, com grande beleza e força, os confrontos do homem consigo mesmo, revelando tanto os sentimentos mais elevados quanto os mais sombrios.

A ciência é temporal. Trata de fatos e de sua descrição e compreensão historicamente determinadas. A ciência segue um tempo linear, moderno. Cito Jaa Torrano², em seu estudo sobre Teogonia de Hesíodo (p. 85).

1. ELIADE, M. -
O Sagrado e o Profano -
Ed. Martins Fontes,
São Paulo, 1995.

2. HESÍODO -
*Teogonia - A Origem
dos Deuses* - Trad. e
estudo Jaa Torrano -
Ed. Iluminuras, São
Paulo, 1992.

“O tempo como pura extensão e quantificabilidade é uma representação elaborada por nossa cultura moderna... É difícil para nós sequer pensar essa concepção do tempo como um mero traço cultural, pois o histórico sem dúvida representa para nós modernos, uma realidade última que não só é objeto constitutivo das Ciências Históricas como ainda confere inteligibilidade a nossas vidas.”

“Na Grécia Antiga, pelo fato de o tempo ser múltiplo e não único, adjetivo e não substantivo, a inter-relação dos Deuses não é de ordem cronológica, mas crato-ontológica: os Deuses se connexionam, se organizam e se hierarquizam segundo a força de ser.”(p.85)

O conhecimento científico Ocidental Moderno está fortemente arraigado em seu contexto histórico, temporal, e é aí que reside seu sentido e seu valor. A Ciência Moderna produz teorias e verdades que se sucedem mais ou menos linearmente. Tal linearidade está atualmente questionada pela ciência do Século XX, que se dá conta de que o conhecimento de uma ou de outra facção está intimamente ligado à possibilidade do olhar do observador. E hoje, especialmente após Maturana, se constata que o observador não só observa, mas cria-constrói, junto com o objeto, as realidades observadas.

Na visão de M. Eliade¹, o homem a-religioso nega a transcendência, aceita a relatividade da **realidade** e chega até a duvidar do sentido da existência. O homem moderno a-religioso assume uma nova situação existencial: reconhece-se como o único sujeito e agente da história e rejeita o todo à transcendência. O homem faz-se a si mesmo e o consegue na medida em que se dessacraliza e dessacraliza o mundo. Mas o homem a-religioso descende do **homo religiosus** e, queira ou não, constitui-se a partir de seus antepassados, é o resultado de um processo de dessacralização. É um herdeiro. Não pode abolir definitivamente seu passado, porque ele próprio é produto de seu passado. O homem moderno carrega ainda toda uma mitologia camuflada e numerosos ritualismos degradados. Para Eliade, até a leitura comporta uma função mitológica – não somente porque substitui a narração dos mitos nas sociedades arcaicas e na literatura oral, mas sobretudo porque, graças à leitura, o homem moderno consegue obter uma **saída do tempo** comparável à efetuada pelos mitos – a leitura projeta o homem moderno para fora de seu tempo pessoal e o integra a outros ritmos, fazendo-o viver numa outra **história**.

Em seu estudo a respeito da Teogonia de Hesíodo, Jaa Torrano² tece importantes considerações acerca da origem da linguagem e de sua relação com o ser.

“Durante milênios anteriores à adoção e difusão da escrita, a poesia foi oral e foi também o centro e o eixo da vida espiritual dos povos. Então, a palavra tinha o poder de tornar presentes os fatos passados e os fatos futuros, de restaurar e renovar a vida. Mas sobretudo a palavra cantada tinha o poder de fazer o mundo e o tempo retornarem à sua matriz original e ressurgirem com o vigor, perfeição e opulência de vida com que vieram à luz pela primeira vez” (pp. 19-20).

Em Hesíodo as palavras cantadas não são uma constelação de signos abstratos e vazios, mas forças divinas nascidas de Zeus Pai e da Memória, que sabiamente fazem o Mundo, os Deuses e os fatos esplenderem na luz da presença e implantam, na vida dos homens, um sentido que, com o vigor do eterno, centra-a e ultrapassa-a (p. 20). “Na Teogonia o reino do ser é o do não-esquecimento, da aparição. A linguagem – concebida e experimentada por Hesíodo como uma força múltipla e numinosa que ele nomeia de Musas – é filha da Memória, deste divino poder trazer à Presença o não-presente. Ser é dar-se como presença, como aparição. É na linguagem que impera a aparição (*alethéa*) e também o esquecimento (*lesmosynei*). O ser se dá na linguagem porque ela é numinosamente a força de nomear. E a força de nomear repousa sempre no ser, isto é, tem sempre a força de ser e de dar a ser” (*opus cit.*, pp. 29-30). O homem arcaico sente que a força da linguagem o subjuga e que sua consciência se firma sobre a linguagem e é por ela dirigida. Em Hesíodo, a linguagem é por excelência o sagrado. O sagrado é a pletora de ser.

Segundo Torrano, a imbricação recíproca entre linguagem e ser contém a imbricação de linguagem e poder. As Musas têm o domínio do ser enquanto poderes que são provenientes da Memória. “Enquanto filhas da Memória é que fazem revelações ou impõem o esquecimento. Este poder sobre o ser e o não-ser é a raiz originante de todo poder... o poder de configurar o mundo e de decidir quais possibilidades nele se oferecerão em cada caso ao homem. As Musas são filhas de Memória e de Zeus. Zeus é a expressão suprema do exercício de poder” (*op. cit.* pg. 31).

“Uma lei onipresente na Teogonia é que a descendência é sempre uma explicitação do ser próprio e profundo da Divindade Genitora: o ser próprio dos pais se explicita e torna-se manifesto na natureza e atividade dos filhos” (*op. cit.* p. 31).

Seguindo a linha da linguagem e do poder, conclui Torrano que as

Musas fundamentam e amparam o exercício da realeza entre os homens. Reis são nobres locais, que guardavam fórmulas não-escritas (*dikai*) consagradas pela tradição como normativas da vida pública e social. “Os reis, portanto, dependiam do patrocínio da Memória, para preservarem as *dikai*, do de Zeus, para poder aplicá-la em cada caso, e do das Musas, para que esta aplicação fosse eficiente e bem-sucedida” (*op. cit.* p. 35).

“A ordem social não é senão o aspecto que entre os homens assume a ordem da natureza. Na administração da justiça, baseada no uso correto e eficaz da Palavra, os reis colaboram com a manutenção desta ordem cósmica, com o que asseguram à sua comunidade o equilíbrio, a opulência e o futuro próspero. Os reis são operadores e colaboradores dos acontecimentos que se dão no cosmos, porque são Senhores da Palavra” (*op. cit.* p. 37).

“Os poetas também são, igualmente, Senhores da Palavra” (*ibid.*).

O Mito de Édipo contado por Sófocles trata especialmente da fragilidade humana. Sófocles aborda **humanidade** do herói, suas angústias, suas culpas, suas dores. Neste texto, **o homem é colocado entre o mundo imanente (em que, sem ter solicitado, foi inserido) e o mundo transcendente, que paira sobre seus desejos, sua inteligência, suas forças**. E é aí que reside o conflito fundamental, na visão grega. O mito edípico sintetiza as angústias e a miséria humana e se constitui, para a Psicanálise, em grande fonte de inspiração. A ele podemos recorrer – e nele podemos reconhecer – um sem-número de questões e conflitos humanos cotidianos – tais como desenvolvimento psicosssexual, posição esquizoparanóide, depressiva, invejas, arrogâncias, +k, -k, etc. E podemos nos haver também com a questão da imanência e da transcendência, de até onde o homem é capaz de dominar/determinar seu próprio destino.

E aí nos deparamos também com **a questão do conhecimento** e seus paradoxos.

Édipo, o famoso decifrador de enigmas, exerce enorme atração sobre nós, psicanalistas. O conhecimento é para nós fascinante, sedutor.

A Psicanálise, como ciência positiva e tendo compromisso com **a cura**, sente-se tentada a crer que o conhecimento **total** – excesso de luzes – dá ao homem o poder sobre o destino e a felicidade.

Ao conversarmos sobre o Mito, entre psicanalistas, nos deparamos com inúmeros dilemas e nos perguntamos – como psicanalistas que somos – o que leva Édipo à sua desgraça? O que é sintoma?

Arrogância de querer saber a qualquer custo? Arrogância da **vista grossa**, não querer/poder ver o que se apresenta. A realidade se impõe catastroficamente, com violência. Haveria mais **saúde** possível? **O mito** nos diz que não, por mais que se tente, há que percorrer os caminhos humanos – suas sombras, suas glórias, seus demônios, seus destinos. No melhor dos casos, “**aprender com a experiência**”.

A leitura da Trilogia Tebana nos remete à busca dos antecedentes do mito edípico. Laio, filho de Lábdaco, apaixona-se por Crisipo, filho de Penélope. Crisipo, com medo da reação do pai, suicida-se e Penélope lança a maldição sobre todas as gerações descendentes de Lábdaco. Laio foge, tenta burlar o destino, mas é inútil. Sófocles mostra que um ato não passa impunemente – não só para o próprio indivíduo, mas também para seus descendentes. Um homem tem que dar conta não só de seus próprios atos, mas também dos de seus ancestrais. Este é seu destino. Na concepção dos gregos antigos não é necessário aderir conscientemente à prática do mal para se ter culpa; a culpa era como uma doença, que se adquire sem o concurso da vontade individual. Os ancestrais de Édipo, rebeldes contra as leis dos deuses (que para os gregos significavam as leis da natureza), contraíram tal doença e transmitiram-na a seus descendentes³.

Há também outra interpretação, seguindo a linhagem de Cadmo (de quem Édipo era trineto): Cadmo saiu com seus irmãos à procura da irmã Europa, que fora raptada por Zeus. Ao consultar o oráculo de Apolo, este o aconselhou a fundar uma cidade e Cadmo fundou Tebas. Casou-se com Harmonia, filha de Ares e Afrodite. No casamento, Afrodite ofereceu a Harmonia um colar feito por Hefesto, mas que, devido à sua origem divina, haveria de trazer grandes desgraças às gerações vindouras. Tiveram quatro filhas e um filho. Todas as filhas sofreram grandes infortúnios. Após sofrer tantas tristezas com filhos e netos, Cadmo e Harmonia deixaram Tebas fugindo para Ilíria, e lá os deuses os transformaram em serpentes – para que eles soubessem que não há beneplácito divino que não termine e que os inocentes sofrem tanto quanto os culpados⁴.

Édipo, condenado a não nascer, está destinado a ser eterno exilado, “morto” entre os vivos, ser o que não é: filho (adotivo), marido (incestuoso), rei (ilegal), pai (maldito). Nem a condenação à morte, nem os pés furados e amarrados ao nascer, o impediram de seguir o caminho da vida, tentando forjar o Destino.

3. *Mitologia* -
Ed. Victor
Civita.

4.
HAMILTON,
E. - *A*
Mitologia -
Publ. Dom
Quixote,
Lisboa, 1983.

5. Sófocles – A Trilogia Tibana. Trad. Mário da Gama Kury – Jorge Zahar ed., Rio de Janeiro, 1994 (4ª ed.).

Após o desvelamento da tragédia, a morte de Jocasta e seu próprio cegamento, Édipo dá sinais de compreender e de submeter-se a seu destino. “Mas siga então seu curso meu destino trágico, qualquer que seja ele”⁷⁵ (p. 93). E o texto da peça termina com a fala de Corifeu, que já antecede a linha da Trilogia: “Vede bem, habitantes de Tebas, meus concidadãos! Este é Édipo, decifrador dos enigmas famosos; ele foi um senhor poderoso e por certo o invejastes em seus dias passados de prosperidade invulgar. Em que abismos de imensa desdita ele caiu! Sendo assim, até o dia fatal de cerrarmos os olhos, não devemos dizer que um mortal foi feliz de verdade, antes dele cruzar as fronteiras da vida inconstante, sem jamais ter provado o sabor de qualquer sofrimento!” (*op.cit.* p. 96).

Em Colona chega Édipo, acompanhado de sua filha Antígona. Sofrido e miserável, lá pede asilo, já sob a proteção de Apolo. Nesta terra, ele não busca nem adoção (como em Corinto), nem reinado (como em Tebas). Esforça-se por reconhecer e respeitar os costumes, as leis e os deuses locais. Pede proteção a Teseu, rei de Atenas, e oferece em troca seu corpo e espírito como proteção àquela terra que o acolhe. Édipo lida, em Colono, com elementos menos impulsivos, menos arrogantes. Trata com questões ligadas à gratidão, ao reconhecimento, à reparação.

No texto de Édipo Rei, Sófocles discute a impulsividade, a bravura, o arrebatamento do herói. Na segunda peça da Trilogia, está em questão a ampliação da consciência, já anunciada no último verso de Édipo Rei. A discussão aqui abarca reflexões ligadas à qualidade das relações humanas. Quem acolhe o herói é Teseu, rei equilibrado e democrático, que suporta olhar este ancião desfigurado, ouvir sua trágica história, reconhecer sua dor e sua grandeza. Édipo passa então por um processo de revisão das relações – com os entes próximos, com o povo estrangeiro, com a Terra, com os Deuses. Não o perfaz sem dor, nem tampouco linearmente. A cada encontro, tem de se haver com a dor, a humilhação, o ódio, ressentimento, impotência, esperança. Até que, passada a história em revista, soa o trovão de Zeus anunciando a hora da morte. Abre-se uma fenda na terra, para onde Édipo caminha tranquilo. Morre em silêncio e cumpre a promessa: seu corpo, ali enterrado, oferece proteção aos atenienses contra seus inimigos. Está pago o seu tributo.

Entretanto, o destino dos descendentes de Cadmo segue o seu curso. Tal como previsto, Etéocles e Polínicos, os dois irmãos, morrem um

pelas mãos do outro, na disputa pelo trono de Tebas. Creonte assume o poder e determina que Polínicos e seus soldados argivos não tenham direito a sepultamento, com pena de morte para quem desrespeitasse essa lei. Antígona desobedece e enterra o irmão. No texto da terceira peça da Trilogia – Antígona – Sófocles nos brinda com uma belíssima discussão ética: o choque do direito natural e do direito positivo. A respeito do conflito entre a lei divina, natural, com a lei escrita, dos homens, comenta Jebb: “Creonte está certo na letra e errado no espírito. Antígona está certa no espírito e errada na letra” (*op. cit.* p. 15). E arremata, citando Hegel: “Do ponto de vista da Justiça Eterna, ambos estavam errados, porque agiam unilateralmente, mas ao mesmo tempo, ambos estavam certos” (*ibid*, p. 15).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ELIADE, M. – “O Sagrado e o Profano” – Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1995.
2. HESÍODO – “Teogonia – A Origem dos Deuses” – Trad. e estudo Jaa Torrano – Ed. Ieuminuras, São Paulo, 1992.
3. *Mitologia* – Ed. Victor Civita.
4. SÓFOCLES – *A Trilogia Tebana* – Trad. Mário da Gama Kury – Jorge Zahar ed., Rio de Janeiro, 1994 (4ª ed.).
5. HAMLYN, P. – *Greek Mythology* – Paul Hamlyn Limited, London, 1963 (4ª ed., 1967).
6. HAMILTON, E. – *A Mitologia* – Publ. Dom Quixote, Lisboa, 1983.
7. MIGLIAVACCA, E. – “Gorgó, das sombras à luz” – in *Boletim Formação em Psicanálise*, São Paulo, ano III, vol. III, nº 1, 1994.